

# (INTER)SUBJETIVIDADE NOS ESTUDOS DE REDES SOCIAIS: DISSOLVENDO FRONTEIRAS

Sayonara Melo COSTA<sup>1</sup>

Júlio ARAÚJO<sup>2</sup>

**Resumo:** As redes sociais da internet (RSI) se multiplicam e, embora tenham esquemas enunciativos distintos, ampliam as possibilidades de pôr em cena (inter)subjetividades. Muitos papéis sociais são desempenhados nesses ambientes digitais que dão guarida às múltiplas faces de um sujeito que se (des)constrói em meio a um processo heterogêneo. Diante disso, a pergunta que norteia este ensaio é: como estudar esse processo de (des)construção da subjetividade em redes sociais? A proposição que defendemos neste trabalho é a de que o sujeito adepto das redes sociais da internet encontra-se em um tempo-espço propício a excitações que vão muito além das percepções idiossincráticas de cada indivíduo. Em função disso, propomos que estudar as (inter)subjetividades nas RSI pode ser produtivo se relacionarmos as noções de *caosmose* (Guattari), *self* (Goffman) e *enunciação linguística* (Benveniste). A conclusão a que chegamos é a de que o viés da enunciação linguística pode ser uma alternativa metodológica que auxilie na conexão entre uma concepção mais transversalista da subjetividade e a tese de que a interação social assemelha-se a uma encenação teatral e, por isso, pode tomar rumos diversos, de acordo com roteiros preestabelecidos e socialmente partilhados nos cenários digitais das RSI.

**Palavras-chave:** Redes Sociais. Caosmose. *Self*. Enunciação.

---

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. [sayonaracosta@gmail.com](mailto:sayonaracosta@gmail.com)

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. [araujo@ufc.br](mailto:araujo@ufc.br) / [www.julioaraujo.com](http://www.julioaraujo.com)

## Introdução

No presente ensaio, refletimos acerca do lugar da subjetividade nos estudos que se debruçam sobre o fenômeno das redes sociais da internet (doravante, RSI). Embora esses ambientes digitais de interação estejam estruturados em função de perfis pessoais, os esforços no intuito de compreendê-los estruturam-se cada vez mais sobre olhares voltados para a complexidade e heterogeneidade, muitas vezes, compreendidos como a negação do individual e de qualquer abstração empreendida com o objetivo de tornar palpável a noção de subjetividade nesses contextos. Tal movimento resulta em uma aparente polarização, deixando, de um lado, aqueles que veem a rede como um emaranhado complexo de interações (SANTAELLA, 2013); e do outro, aqueles que buscam formas de circunscrever sujeito e subjetividade nesse espaço sem, contudo, prender-se a perspectivas reducionistas e ontologizantes (SÁ; POLIVANOV, 2012).

Nesse contexto, pensamentos como o de Guattari (2012), com a noção de caomose, e de Goffman (2011), com o conceito de *self*, emergem como matrizes teóricas que norteiam as reflexões em RSI. Essas teorias objetivam, cada uma a sua maneira, explicar a constituição e a dinâmica de funcionamento das relações sociais na modernidade. Para dialogar com essas perspectivas, convocamos o conceito de enunciação de Benveniste, no qual enxergamos o mecanismo pelo qual tais manifestações são possíveis, tendo, já em seu cerne, a noção de subjetividade e dela dependendo inexoravelmente.

Longe de dar a última palavra acerca do tema, o que não é o nosso objetivo neste ensaio, propomo-nos a um exercício teórico de interpretação desses dois pontos de vista como complementares. Uma vez que, ao estabelecer que o sujeito precisa recorrer a um outro sujeito para construir o invólucro que o discretizará do todo socialmente construído, dando-lhe a ilusão de subjetividade, ele se valerá de mecanismos formais da linguagem, caminho que lhe permite constituir-se tanto subjetiva quanto intersubjetivamente.

Para tanto, a organização retórica desse texto segue a seguinte composição: em primeiro lugar, apresentamos a noção de intersubjetividade em Guattari para compreendermos o que ele denomina de caosmose. Na sequência, apontamos a perspectiva de Goffman acerca do *self*, o que nos ajudará a compreender que o sujeito representa muitos papéis nos diversos cenários discursivos em que atua. Depois, pelas lentes de Benveniste, discutimos a enunciação linguística para indicar que na própria língua existem indícios de subjetividade. Com base nisso, refletimos sobre as instâncias da enunciação no meio digital para tecermos, na sequência, considerações sobre o diálogo possível entre Guattari, Goffman e Benveniste como proposta teórica para o estudo das (inter)subjetividades em redes sociais na internet. Finalmente, arrazoamos as conclusões a que esse exercício de reflexão nos permitiu chegar.

## **A intersubjetividade guattariana**

Analista célebre por suas reflexões acerca do estatuto da subjetividade na modernidade, Félix Guattari ressalta a necessidade de se compreender a subjetivação como um processo heterogêneo, resultante de estímulos diversos e que vão muito além das percepções idiossincráticas de cada indivíduo. O autor assinala o papel das produções maquínicas, que forjam e fornecem modelos preestabelecidos de subjetividade a serem seguidos, em contrapartida, aponta também para as reivindicações de singularidades subjetivas, cada vez mais comuns no cenário contemporâneo. Diante dessa cena, advoga em função de um paradigma que contemple a constituição da subjetividade em sua natureza plural. Em função disso,

[...] nessas condições, parece indicado forjar uma concepção mais transversalista da subjetividade, que permita responder ao mesmo tempo a suas amarrações territorializadas idiossincráticas (territórios existenciais) e a suas aberturas para sistemas de valor (universos incorporais) com implicações sociais e culturais. (GUATTARI, 2012, p. 14)

Essas duas forças que atuam sobre a constituição da subjetividade apontam para um processo de heterogênese, que incidiria não apenas sobre o indivíduo e suas experiências, mas que teria raízes anteriores a ele, partes não humanas pré-pessoais da sua subjetividade (GUATTARI, 2012, p. 14), compreendendo aspectos éticos, estéticos, políticos, sociais, linguísticos, históricos, entre outros. Para dar conta dessa multiplicidade de estímulos, o autor formula a noção de *caosmose*, um paradigma ético-estético, no qual o individual dá lugar ao social e no qual diversas instâncias de natureza aparentemente caótica ditam as relações que serão estabelecidas nesse contexto. Segundo o autor, “os diferentes registros semióticos que concorrem para o engendramento da subjetividade não mantêm relações hierárquicas obrigatórias, fixadas definitivamente” (GUATTARI, 2012, p. 11).

No que diz respeito aos simulacros de individualidade a partir dos quais nos enxergamos uns aos outros, esse autor afirma serem tributários do componente imaginário, capaz de possibilitar a sensação de apreensão de um ser inteiro e palpável, deixando escapar, para análises superficiais, que a percepção de sujeito só foi possível a partir da observação de algo que representa aquela forma, da qual o observador se apropria, aplicando e replicando-lhe em suas interações. Ou seja, estamos diante da impossibilidade de “falar do sujeito em geral e de uma enunciação perfeitamente individualizada, mas de componentes parciais e heterogêneos de subjetividade e de agenciamentos coletivos de enunciação que implicam considerar o humano como multiplicidade” (GUATTARI, 2012, p. 162). Ele critica tanto o “endeusamento do sujeito” feito na perspectiva fenomenológica, quanto “a petrificação operada pelos estruturalistas, que colocam a subjetividade na intersecção dos jogos de significantes”. Afirma, ainda, que a intersubjetividade reside no social, configurando-se, em sua essência, como um sistema caótico.

Embora anteriores à efervescência das redes sociais da internet, as reflexões do analista francês lançam luz sobre a influência que esses mecanismos

exercem nos processos de subjetivação nesses espaços de práticas sociais. Nas suas próprias palavras: “Do mesmo modo que as máquinas sociais que podem ser classificadas na rubrica geral de Equipamentos Coletivos, as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana” (GUATTARI, 2012, p. 14).

Compreendidas aqui como um tipo de máquina tecnológica de informação, as RSI possuem um notório potencial para influenciar os processos de subjetivação, transformando-os em enunciações codificadas que, uma vez postas na internet, podem ser recuperadas, tornando esse nicho metodologicamente acessível e atrativo para exercícios analíticos. Dessa forma, os fenômenos ambientados nas RSI propagam-se de forma instantânea e possuem longo alcance, o que vem despertando o interesse de diversos pesquisadores.

Ao debruçar-se sobre o estatuto da subjetividade nas redes sociais, Santaella (2013) advoga em função da desmitificação desse conceito. Pautando-se pelo pensamento guattariano, a autora defende a coerência de tratarmos as relações em rede em termos de intersubjetividade, uma vez que a noção de sujeito, tanto quanto a de subjetividade, é determinada por uma ordem caótica, residente no cerne das relações sociais, tornando o aspecto social constitutivo de qualquer abstração feita no sentido de singularizar o indivíduo compreendido nesse contexto.<sup>3</sup>

A autora advoga em função da intersubjetividade como mecanismo capaz de dar conta da falência do sujeito uno e da emergência da caosmose como alternativa para a compreensão das interações nas RSI. Segundo Santaella (2013, p. 38),

[...] ao descolar a subjetividade do sujeito, torna-se necessário traçar uma cartografia que vá além dos limites do indivíduo, levando o território do subjetivo até as

3 Nesse mesmo sentido, Araújo e Dieb (2006, p. 183), ao relacionarem as ideias paulofreireanas aos postulados bakhtinianas, mostram que ser sujeito é negociar “sentido para o mundo com seus interlocutores, produzindo comunicação intersubjetiva. Para isso, o sujeito precisa usar a língua de maneira que esta o ajude na construção dos sentidos e das ações que deles resultam”.

maquinarias impessoais reguladoras da socialidade. É só no domínio dos arranjos coletivos que a subjetividade pode inventar arranjos singulares, pois “a verdadeira individuação passa pela invenção de reciclagem ecomental”.

Notamos, no pensamento da autora, um movimento que se distancia cada vez mais do núcleo representado pela subjetividade e, por meio da heterogênesse anunciada por Guattari (2012), caminha rumo à intersubjetividade, que, considerando o componente caótico da constituição dos sujeitos, procura dar conta da sua nova configuração emergente nas redes sociais.

Outra linha de pensamento que também procura dar conta da pluralidade de contextos responsáveis pelas flutuações da constituição do sujeito é encontrada em Goffman, cuja adoção de uma metáfora teatral e a relativização da subjetividade em papéis constituem avanços rumo à compreensão da heterogênesse. Entretanto, chamamos a atenção para a manutenção de um centro psicológico, capaz de reconhecer contextos e selecionar papéis e condutas socialmente constituídos, ilha na qual a subjetividade mantém o seu lugar, estamos falando do *self*.

## **Goffman e o *Self***

Reconhecido por suas pesquisas acerca de indivíduos e ambientes estigmatizados, Erving Goffman trouxe como contribuição para a psicologia social e para a pragmática linguística um aprofundado estudo do homem em suas *performances* cotidianas. Valendo-se da linguagem teatral, o autor nos apresenta a tese de que a interação social assemelha-se a uma encenação, podendo tomar rumos diversos, de acordo com roteiros preestabelecidos e socialmente partilhados.

Erguida sobre a tríade ator/palco/plateia, a metáfora teatral compreende os contextos de interação social como cenas, nas quais os sujeitos atuam, interpretando papéis de acordo com o contexto no qual se inserem e com o objetivo que desejam alcançar. Para a boa execução desse espetáculo competem também

outras variáveis, como o cenário, a fachada, os estereótipos, os tipos de comunicação coerentes para cada cena, entre outros.

No centro desse construto simbólico encontramos a figura do ator como peça imprescindível à engrenagem do espetáculo, seja como protagonista, seja como plateia. Entretanto, é necessário ressaltar que, embora atue socialmente por meio de papéis, o sujeito em Goffman possui aparente autonomia, transitando entre as diferentes cenas que lhe aparecem, investindo discursiva e dramaturgicamente em suas máscaras e podendo ou não estar convencido de sua atuação. Segundo o autor,

[...] num dos extremos, encontramos o ator que pode estar inteiramente compenetrado de seu próprio número. Pode estar sinceramente convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade. [...] No outro extremo, verificamos que o ator pode não estar completamente compenetrado de sua própria prática. (GOFFMAN, 2011, p. 25)

Como implicações da afirmação acima temos que, embora manifesto socialmente por meio dos papéis que encena, o ator possui uma faceta particular e autônoma, por meio da qual avalia suas representações. Esse viés idiossincrático, de natureza essencialmente responsiva, responsável pela orquestração dos papéis representados pelo ator e também constituído por eles, é o que Goffman denomina de *self*, que, numa acepção geral, pode ser compreendido como aquilo que define a pessoa em sua individualidade e subjetividade, isto é, sua essência.

Desse ponto de vista, encontramos o sujeito em dependência com a teia das relações sociais, discretizando-se parcialmente no momento de sua encenação para, em seguida, ser novamente tragado pelo todo ao assumir um papel preexistente, não havendo lugar, portanto, para o desenvolvimento de uma subjetividade genuína e singularizante, com existência autônoma o suficiente para criar suas próprias cenas e papeis. Tal pensamento assemelha-se ao que

nos diz Bakhtin, que também adota a metáfora do teatro para discorrer acerca da interação. Nas palavras do filósofo russo,

[...] a situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (BAKHTIN 2009, p. 129)

O pensamento bakhtiniano parece ir ao encontro das formulações de Goffman ao assumir que o discurso interior, para tornar-se enunciado, necessita inserir-se em modelos sociais preestabelecidos e cujos desdobramentos dependem da atitude responsiva que o auditório dará para esse estímulo. Temos então um modelo que, embora encastele as manifestações discursivas em papéis que lhes antecedem, reconhece a existência de uma dinâmica dialógica que possibilita a ampliação dos sentidos, resultando na riqueza das interações que vivenciamos.

Em busca de caminhos metodológicos que deem conta da diversidade de fenômenos que se materializam nos *sites* de redes sociais,<sup>4</sup> Sá e Polivanov (2012) valeram-se do modelo dramático de Goffman para extrair categorias que explicassem a dinâmica de construção de identidades no interior desses *sites*, elegendo, para tanto, coerência expressiva e *performance* como caminhos possíveis. Para as autoras, esses dois argumentos podem ser compreendidos como:

*Coerência expressiva*, entendida enquanto a tentativa de administração de impressões, de negociação com o outro – sempre atravessada por ruídos, vazamentos e mal-entendidos – e *performance de gosto*, conceito/categoria que ressalta o papel dos

---

4 Embora as autoras não atrelem suas reflexões a nenhuma RSI específica, compreendemos que a interface oferecida por esses *sites* está intimamente ligada às possibilidades enunciativas que eles apresentam, influenciando, por sua vez, o alcance das representações ambientadas nesse meio. Dessa forma, redes como Facebook e Orkut apresentam potenciais representativos diferentes de redes como Twitter e Instagram. É necessária atenção a essas especificidades antes mesmo de iniciado o exercício analítico.



objetos nas construções de si e que nada tem de representação, mas sim de encontro entre atores humanos e não humanos. (SA; POLIVANOV, 2012, p. 591)

Nessa interpretação do pensamento de Goffman, identificamos um caminho possível para dar conta das interações nas RSI, principalmente por considerar a “negociação com o outro” um fator preponderante na formulação da representação do sujeito, bem como por admitir a influência de elementos não humanos nesses construtos, abrindo espaço para a análise de fachadas, cenários e outros itens do espetáculo previstos por Goffman e de fundamental importância no sucesso das representações.

A metáfora do espetáculo e a noção de *self*, portanto, constituem caminhos através dos quais seu idealizador pensou o lugar da subjetividade nas relações sociais. Se comparado ao pensamento de Guattari, Goffman apresenta uma perspectiva um pouco mais moderada em relação à subjetividade, atribuindo-lhe existência própria, embora balizada pelos papéis e espetáculos que representa e constituída a partir das experiências vivenciadas no palco das interações sociais. A tese da caomose, por sua vez, prega a falência da subjetividade nuclear, dando lugar a um processo caótico de heterogênesse, que mobiliza e interliga fatores diversos, dando origem a indivíduos intersubjetivos.

Ambas as perspectivas concebem, cada uma a sua maneira, a subjetividade como tributária do contexto social, em um movimento que se distancia cada vez mais de um núcleo subjetivo palpável. Entretanto, não podemos esquecer que tanto papéis sociais quanto fatores de heterogênesse só adquirem materialidade quando semiotizados, ou seja, quando enunciados por meio de um sistema semiótico, linguístico ou não, que lhes dê forma e sentido. Só assim é possível decodificá-los e atribuir-lhes valor. Diante dessa condição, buscaremos compreender como a dependência de um sistema semiótico afeta a compreensão da subjetividade nessas perspectivas. Para os fins deste ensaio, nos deteremos nas implicações da realização desses enunciados e a subsequente

constituição da subjetividade por intermédio de um sistema linguístico, sobre o qual nos fala Benveniste.<sup>5</sup>

## A subjetividade linguística

Herdeiro das leituras estruturalistas das ideias de Ferdinand de Saussure (2006[1916]), Benveniste (2005[1966]; 2006[1974]) nos oferece uma teoria formal da enunciação ao refletir acerca das possibilidades de inserção do sujeito na língua. Longe de um caráter limitadamente instrumental, a língua estaria intimamente ligada à constituição de um sujeito que se colocaria no tempo e no espaço, por meio da enunciação. Em sua argumentação, são apresentados conceitos como locutor, aquele que profere o enunciado; alocutário, aquele a quem o enunciado se destina; e instância enunciativa, na qual as categorias espaço e tempo se determinam em relação a um ‘eu’, centro dêitico da enunciação, juntas, essas noções nos permitem compreender o que o autor chamou de aparelho formal da enunciação. Segundo ele,

[...] o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (BENVENISTE, 2006, p. 84)

Formas linguísticas como pronomes, tempos verbais e advérbios se prestariam exatamente a essa marcação de uma instância imediata dentro do discurso, que teria como centro irradiador o sujeito, no momento de sua enunciação.

---

<sup>5</sup> Em sua pesquisa sobre o *self* nas redes sociais, Araújo (2014), inscrito na perspectiva de Lemke (1998, 2002), mostra a hipermodalidade atravessada pelos processos de reelaborações de gêneros como outro sistema semiótico possível de decodificação em termos de construção de sentido pelas funções representacional, orientacional e organizacional.

Um forte exemplo dessa concepção de língua pode ser observado no caso dos pronomes pessoais. As formas “eu” e “tu” estariam relacionadas aos participantes da enunciação, locutor e alocutário teriam seus lugares marcados dentro da língua, lugares esses preenchidos a cada novo estabelecimento de uma instância enunciativa, ou seja, a cada produção de enunciado. Da mesma forma que 1ª e 2ª pessoas constituem participantes da cena enunciativa, o “ele”, 3ª pessoa, também possui e ocupa um lugar no aparelho formal da enunciação, constituindo-se como aquele/aquilo do que se fala, objeto de discurso também chamado, na perspectiva de Benveniste, de não pessoa, devido a sua impossibilidade de assumir a produção de enunciados, sendo limitado apenas a figurar como objeto desses.

A peculiaridade da reflexão benvenistiana reside na apreensão do mecanismo que parece resguardar o lugar da subjetividade na língua. Com o estabelecimento da instância enunciativa, um feixe de traços linguisticamente marcados é disparado a partir do centro dêitico dessa enunciação, o sujeito. Este movimento é responsável por marcar as pessoas, o tempo e o espaço da enunciação. A subjetividade, neste caso, reside, mais precisamente, nesse lugar abstrato preestabelecido no sistema, do que em indivíduos propriamente ditos e detém um lugar demarcado na própria língua, estando presente em toda enunciação. Nesse sentido, concordamos com Araújo e Lima-Neto (2012, p. 59), que, ao relacionarem hipertexto com a enunciação linguística, concluem que

[...] a existência da enunciação, de acordo como a concebe Benveniste, condiciona-se a um apropriar-se da língua. Tal atividade é protagonizada por um sujeito que se serve da estrutura para gerar o funcionamento da linguagem. Deste modo, não seria pueril afirmar que Benveniste defende que o sistema, em si, admite o funcionamento e, conseqüentemente, a existência da subjetividade, o que nos leva a concluir que não se pode expurgá-la da língua porque aquela está inscrita nesta.

Em função disso, tal característica favorece aqueles que tomam a descontinuidade da realidade e do próprio sujeito como processo de significação do

mundo, apresentando-se como anterior à homogeneização desses traços/indivíduos em uma intersubjetividade que antecederia o ser sujeito.

Ao lado da noção de sujeito, os conceitos de tempo e espaço também aparecem como centrais nas reflexões que envolvem a enunciação. A seguir, retomamos a temática das interações em meio digital considerando a ressignificação dessas duas categorias.

## **As instâncias da enunciação no meio digital**

Verle (1997) advoga em função da ressignificação de tempo e espaço quando mobilizados em enunciados proferidos no meio digital. Segundo a autora, embora a separação de esferas de atividade humana (BAKHTIN, 2011) exista, e seja possível executar ações na internet que também se executariam no meio *off-line*, o tempo gasto para essas atividades obedece a uma outra escala, sendo consideravelmente menor, o que confere a essas práticas um caráter intrinsecamente imediatista. Por exemplo, uma instituição bancária pode estabelecer um domínio e passar a operar via internet, por meio de gêneros também conhecidos como o boleto e o extrato bancários, porém, ações como pagar o boleto e consultar o extrato são feitas em menor tempo, devido à ausência de deslocamentos e à permanência em filas de clientes.

O mesmo acontece com a noção de espaço que, ao ser traduzida para os códigos da internet, expande-se, diluindo fronteiras e permitindo a copresença dos mesmos indivíduos em espaços diferentes simultaneamente, pela simples abertura de diversas abas no navegador de internet. Dessa forma, é possível fazer compras em uma loja digital enquanto se paga contas no banco e se assiste a uma teleaula em um ambiente virtual de aprendizagem. Toda essa instantaneidade proporcionada pelo meio digital reflete-se no percurso das práticas de linguagem aí ambientadas. Como muito bem diz Stix (2012, p. 8), “no tempo da internet, tudo ocorre em toda parte, simultaneamente.

[...] Basicamente, o tempo triunfou sobre o espaço [pois] o mundo conectado apaga as barreiras do tempo”.

Diante dessas considerações, concluímos que, embora passem por um processo claro de ressignificação, as noções de tempo e espaço mantêm-se como instâncias marcadas na enunciação, não sofrendo, na estrutura da língua e no aparelho formal, nenhuma alteração perceptível, o que advoga em função da adoção da perspectiva da subjetividade enunciativa como viés que daria conta das interações nas RSI, também produtos do meio digital. Essa persistência, apesar do novo *locus* e do estabelecimento de novas relações referenciais, favorece nossa perspectiva de que não é necessário romper totalmente com a tradição analítica já estabelecida para dar conta deste novo contexto.

A seguir, retomamos as noções de caosmose, *self* e subjetividade linguística promovendo um diálogo no sentido de relacionar essas três teorias como vieses intercambiáveis na elucidação das interações entre os usuários das RSI.

## **Diálogos possíveis**

Todo esforço interpretativo no intuito de relacionar conceitos e teorias está sujeito a imprecisões e divergências de pontos de vista, entretanto, tem por obrigação manter coerência com as matrizes epistemológicas convocadas, promovendo um diálogo ético e produtivo entre as ideias. Balizados por esse princípio, visitamos três teorias que discutem o fenômeno da subjetividade, direcionando nossa reflexão especialmente para a construção dessa instância nos *sites* de redes sociais.

A perspectiva guattariana advoga em favor de uma visada que compreende a subjetividade como produto da heterogênese, dotada de um componente caótico, que espria a noção de sujeito em um feixe de direções, negando-lhe a autonomia e a existência individual. Nessa linha de pensamento, somos levados a tratar não mais da subjetividade individualizada, mas sim de inter-subjetividades, constituídas por instâncias diversas, socialmente construídas

e partilhadas, assim como também o são os papéis desempenhados pelo ator de Goffman.

A atenção dada pelo autor canadense ao componente social na constituição e atuação dos sujeitos aproxima-o da perspectiva de Guattari, embora Goffman desconsidere o componente caótico presente nas interações sociais e se esforce no intuito de identificar padrões e elaborar roteiros que, segundo ele, norteiam a vida em sociedade. Para dar conta da orquestração dessas diferentes máscaras, introduz a noção de *self*, componente psicológico responsável pela escolha e *performance* desses papéis e cuja existência só se materializaria no exercício deles.

Com base nas reflexões dos dois autores, compreendemos que tanto indivíduo quanto contexto social dialogam na orquestração das relações (inter) subjetivas. Nessa perspectiva, as palavras de Saraiva (2008, p. 39) se conectam com o que compreendemos:

O sujeito é, assim cremos, forjado na relação com o outro, determinado pelo contexto sócio-histórico, sim, mas, ao mesmo tempo, um sujeito que se individualiza na exata proporção de sua interação com esse mesmo contexto, um sujeito que mantém relações dialéticas com as coerções do meio em que vive, um sujeito individualizado pelo feixe de vivências (por mais que estas sejam coletivas) porque único e irrepetível.

Uma vez reconhecidos sujeito e meio como instâncias distintas, porém dialógicas, emerge a necessidade de uma visada que operacionalize a análise desses elementos, especialmente o primeiro.

Seja na perspectiva de uma materialização de *self*, seja no movimento de caomose, as interações sociais só são possíveis por meio de códigos, sistemas semióticos entre os quais figura a linguagem humana. Tal condição nos leva a questionar o lugar da subjetividade nesse sistema. Dessa forma, somos conduzidos ao pensamento de Benveniste, que nos afirma que a subjetividade está inscrita no próprio código linguístico e possui sumária importância na constituição

dos enunciados, uma vez que é a partir dela que se instaura a instância enunciativa, que define o sujeito, o tempo e o espaço daquela ocorrência por meio do mecanismo de debreagem, que, para Greimas e Courtés (2012, p. 111), pode ser definido como:

A operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso.

Esse potencial para manifestação de termos possui seus reflexos também na manifestação do sujeito e dos discursos, lançando as bases para as interações sociais mencionadas ao longo de todo o ensaio. Mais adiante, Greimas e Courtés (2012, p. 111) afirmam que

[...] o ato de linguagem aparece, assim, por um lado, como uma fenda criadora do sujeito, do lugar e do tempo da enunciação e, por outro, da representação actancial, espacial e temporal do enunciado. De um outro ponto de vista, que faria prevalecer a natureza sistemática e social da linguagem, dir-se-á igualmente que a enunciação, enquanto mecanismo de mediação entre a língua e o discurso, explora as categorias paradigmáticas da pessoa, do espaço e do tempo, com vista à constituição de um discurso explícito.

A leitura do pensamento benvenistiano feita por Greimas e Courtés reconhece a enunciação como ato a partir do qual actantes posicionam-se acerca do que se enuncia, relacionando-se com os discursos postulados. Segundo os autores, “a enunciação é um enunciado cuja função-predicado é denominada ‘intencionalidade’, e cujo objeto é o ‘enunciado-discurso’ ” (GREIMAS; COURTÉS, 2012, p. 168). Benveniste (2006, p. 82), por sua vez, compreende a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, não discorrendo acerca das relações discursivas. Embora sigam caminhos distintos, as duas perspectivas partem do mesmo

princípio, no qual reconhecemos o movimento da heterogênese rumo à subjetivação, do *self* potencial rumo à atuação propriamente dita, na qual a subjetividade possui um lugar marcado e necessário para a materialização dos enunciados.

A convocação da enunciação benvenistiana, bem como sua concepção de subjetividade, traz a necessidade de inversão da dinâmica de discretização adotada nos raciocínios de Goffman e Guattari, para os quais o contínuo, representado aqui pelo elemento social, é anterior ao descontínuo, representado pela subjetividade. Do ponto de vista da linguagem, o contínuo é sempre posterior, sendo o movimento de descontinuidade a debreagem que inaugura a instância da enunciação, colocando em uso o aparelho formal descrito acima. Dessa forma, para transformar qualquer potencial significante (seja ele resultante da relação caótica entre elementos heterogêneos, seja ele um papel social) em discurso efetivamente realizado e assim “ser no mundo”, é necessário passar inexoravelmente pelas instâncias da enunciação, entre elas, o sujeito.

Dessa perspectiva, compreendemos que, ao afirmar que “para conhecermos objetivamente quem somos, devemos nos ver fora de nós mesmos” (SANTAELLA, 2013, p. 37) a compreensão intersubjetivizante da realidade dialoga com o mecanismo da enunciação, tornando-se dele tributária.

Ainda no que diz respeito às relações de complementariedade possíveis entre os quadros epistemológicos apresentados, as noções de língua e sujeito adotadas por Guattari, Goffman e Benveniste configuram-se como pontos fulcrais no intercâmbio teórico que defendemos aqui.

Mostrando-se avesso às perspectivas estruturais, que, segundo ele, encastelam e limitam a subjetividade nas interseções dos jogos de significantes, o autor de *caosmose* abdica da noção de língua como sistema, estendendo o conceito de heterogênese às relações de significação ao afirmar que “os diferentes registros semióticos que concorrem para o engendramento da subjetividade não mantêm relações hierárquicas obrigatórias, fixadas definitivamente” (GUATARRI, 2012, p. 11). Nesse construto, o sujeito figura como uma entidade



caótica e em constante mutação, interseção perene de todas as instâncias que concorrem para a sua formação, não sendo possível apreendê-lo senão por meio de sua relação transversalista de oposição e similitude com o outro, seja ele também ilusão idiossincrática ou instância sociocultural.

Goffman, por sua vez, atribui ao sujeito um *status* de existência potencial (*self*), que lhe confere autonomia para decidir e modular suas atuações por meio do repertório de papéis sociais preestabelecidos e disponíveis de acordo com o cenário no qual atua, adquirindo existência própria apenas quando inserido nessa rede de relações. Nesse quadro teórico, a língua emerge como código posto em movimento para dar forma a essa força que legitima e materializa a existência do “eu”. A língua seria, portanto, a ponte que possibilitaria a saída da consciência para o meio social, pondo em movimento o sujeito no mundo.

Ao observarmos os mecanismos pelos quais as duas perspectivas tratam a subjetividade, é possível identificar uma constante, presente no movimento que opõe o sujeito ao mundo que o cerca, mecanismo pelo qual se singulariza, adquirindo uma existência, mesmo que relativizada. É nesse feixe de relações que a negatividade do sujeito autônomo adquire feições positivas, é na interseção de tudo aquilo que ele não é que adquire de fato forma. A exemplo da noção de valor postulada por Saussure (2006[1916]), para quem a língua só existe enquanto feixe de relações, o corte transversalista proposto por Guatarri para discretizar a intersubjetividade se assemelha à relativização do sujeito em Goffman, cuja existência só se permite entrever por meio da sua atuação em roteiros previamente construídos.

É no intuito de compreender essa passagem do heterogêneo, do potencial e do disforme para aquilo que é individual, concreto e semiotizado que a enunciação benvenistiana é convocada nesta reflexão. A língua, enquanto princípio de classificação, “não é senão possibilidade de língua” (BENVENISTE, 2012, p. 87), até ser enunciada por um sujeito o qual a própria língua postula. É no ato de enunciar que identificamos o caminho e o mecanismo pelo qual o feixe

de relações é disparado, o corte transversalista de Guatarri e a relativização dos papéis em Goffman passam pelo mecanismo da enunciação. Como o fio esticado que, por um instante, projeta sua sombra sobre a superfície contínua da matéria, conferindo-lhe forma e sistematicidade para depois devolver-lhe à dispersão de sentidos (HJELMSLEV, 1975), a enunciação é a emergência do sujeito como instância inscrita no código linguístico, do qual não é possível desvencilhar-se.

Retomando nosso ponto de partida, as RSI são sistemas complexos organizados por meio da língua, configuração que nos autoriza optar pela análise linguística, mais especificamente, pela análise do mecanismo formal da enunciação como caminho possível para a compreensão e apreensão da (inter)subjetividade presente na sua dinâmica de funcionamento, configurando-se ainda como cifra capaz de operacionalizar análises que partam das matrizes epistemológicas aqui apresentadas.

## **Conclusão**

Seja na proposição de um novo paradigma ético-estético que abrange a complexidade intersubjetiva dos indivíduos, seja na constituição de uma metáfora teatral que busque sistematizar as relações sociais, compreendemos a primazia do sistema linguístico como cifra capaz de dar forma a essas ideias e o mecanismo da enunciação como singularidade que inaugura as instâncias nas quais esses enunciados tomam forma.

Não se trata de uma questão de quem é ou não o detentor da verdade, tratamos aqui de identidades e diferenças (LOPES, 1997), cujo argumento principal da disjunção reside na relação estabelecida entre o social e o subjetivo, entre o contínuo e o descontínuo. Ao final dessa reflexão, concluímos que é a partir da enunciação que ambas as perspectivas tomam forma, o que confere ao viés linguístico o poder de coordenar o ponto de vista que será aplicado

sobre o fenômeno em questão, estabelecendo o caminho que vai do descontínuo para o contínuo, possibilitando assim a apreensão de uma subjetividade a partir desse olhar.

ARAÚJO, Júlio; COSTA, Sayonara Melo (Inter)subjectivity in studies of social networks: dissolving borders. **Revista do Gel**, v. 11, n. 1, p. 30-50, 2014.

**ABSTRACT:** *Internet Social Networks (ISN) are multiplying and, despite having distinct, enunciative schemes, increase the possibilities of putting (inter)subjectivity in place. Many social roles are performed in these digital environments that defend the multiple faces of a subject who self-constructs by means of a heterogeneous process. Facing this situation, the guiding question of this essay is: how to study this process of (de)construction of the subjectivity in social networks? This study focuses on the subject, adept at internet social networks, finding him/herself in a time-space conducive to excitement that far exceeds the idiosyncratic perceptions of each individual. Therefore, to study the (inter)subjectivity in the ISN may be productive if the notions of Chaosmosis (Guattari), self (Goffman) and linguistic enunciation (Benveniste) are related. It was concluded that the bias of linguistic enunciation can be a methodological alternative that helps in the connection between a more transversalist design of subjectivity and the thesis that social interaction resembles a theatrical staging and, therefore, can take various directions according to pre-set scripts, socially shared in the digital scenarios of ISN.*

**KEY WORDS:** *Social networks. Chaosmosis. Self. Enunciation.*

## Referências

ARAÚJO, J.; DIEB, M. A educação dialógica e o dialogismo: o educador freireano é um sujeito bakhtiniano. In: BRAGA, E. O.; FIGUEIREDO, J. (Org.). **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire**. Fortaleza: Edições UFC, 2006, v. 25. p. 181-194.

ARAÚJO, J.; LIMA-NETO, V. Ruptura não, linkagem sim: o hipertexto e as enunciações na web. **Veredas** (Online), v. 16, p. 56-67, 2012. Disponível

em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2012/10/artigo-4.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. **Estratégias hipermodais de construção do *self* nas redes sociais.** Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, 2014. [Relatório de pesquisa].

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2009.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I.** Campinas: Pontes, 2005 [1966].

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II.** Campinas: Pontes, 2006[1974].

GREIMAS, J. A.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica.** São Paulo: Contexto, 2012.

GOFFMAN, E. **A preservação do eu na vida cotidiana.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUATTARI, F. **Caosmose – um novo paradigma estético.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

LEMKE, J. L. Travels in Hypermodality. **Visual Communication**, London, v. 1(3), p. 299-325, 2002.

\_\_\_\_\_. Multiplying Meaning. In: MARTIN, J.R.; VEEL, R. (Eds.). **Reading Sciences.** London: Routledge, 1998.

LOPES, E. **A identidade e a diferença**. São Paulo: Edusp, 1997.

SÁ, S. P.; POLIVANOV, B. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporânea | Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 3, p. 574-596, set./dez. 2012.

SANTAELLA, L. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, A. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 33-50.

SARAIVA, J. A. B. **Pessoal do Ceará**: o percurso de uma identidade e a identidade de um percurso. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

STIX, Gary. Tempo real. **Scientific American**, n. 46, p. 6-9, 2012.

VERLE, L. **Tempo e espaço no cyberspace**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. Disponível em: <<http://www.lenara.com/papers/tempoespaco.pdf>> Acesso em: 02 jan. 2014.